

Althusserianismo e luta armada na Argentina: a experiência do *zaratismo*

Marcelo Starcenbaum*

Resumo:

Um dos espaços mais importantes em que althusserianismo foi recepcionado na Argentina era o chamado *zaratismo*, uma tendência que fez a transição do Partido Comunista para a organização armada Argentinas Forças Argentinas de Libertação. Neste trabalho, propomos uma análise das relações estabelecidas dentro desse experiências entre os traços característicos da althusserianismo – a ruptura epistemológica na obra de Marx, prática teórica, o conceito de formação econômica e social – e à desenvolvimento de uma estratégia para a Argentina – crítica para teorismo e oportunismo, atualização da teoria da guerra com a situação nacional, conjugação correta entre conceitos teóricos e realidades concretas.

Palavras-chave: Althusser; luta armada; Argentina; recepção.

Althusserianism and armed struggle in Argentina: The experience of *Zaratismo*

Abstract:

One of the most important spaces into which Althusserianism diffused in Argentina was *Zaratismo*, a political tendency that spread from the Communist Party to an armed organization called the Argentinian Liberation Forces. In this work we propose an analysis of this experience that emphasizes the relations between the characteristic elements of Althusserianism – the epistemological break in Marx's work, theoretical practice, and the concept of economic and social formation – and those of the development of an armed strategy for Argentina, including critiques of theoreticism and opportunism, an adaptation of the theory of war to the national situation, and a correct conjunction of theoretical concepts with concrete realities.

Keywords: Althusser; armed struggle; Argentina; diffusion.

Introdução

Entre 1966 e 1967, a obra de Althusser foi objeto de um processo de difusão, recepção e apropriação por parte de diferentes instâncias da nova esquerda argentina. Surgido no marco do processo de desestalinização do Partido Comu-

* Doutorando da Universidad Nacional de La Plata / Instituto de Investigaciones en Humanidades y Ciencias Sociales - Comisión Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas (UNLP/IdIHCS-CONICET), La Plata, Argentina. End. eletrônico: mstarcenbaum@fahce.unlp.edu.ar

nista Francês, o althusserianismo se constituiu rapidamente em uma referência teórica importante nos processos de descomposição dos espaços tradicionais da esquerda argentina e da formação de novas organizações políticas e militares. No mencionado processo de recepção, se estabeleceram uma série de articulações entre os conceitos fundamentais do althusserianismo, como a prática teórica, a sobredeterminação e a formação social e as preocupações específicas das formações da nova esquerda argentina, como a luta armada, o modelo revolucionário e o papel do intelectual (Celentano, 2007; Popovitch, 2011; Starcenbaum, 2011, 2013).

Neste trabalho nos proporemos reconstruir o processo de recepção do althusserianismo executado pelo grupo de Mauricio Malamud e Luis María Aguirre no período que vai desde sua ruptura com o Partido Comunista Argentino e a participação no Comitê Nacional de Recuperação Revolucionária até sua expulsão do Partido Comunista Revolucionário logo depois do 1º Congresso e a fundação das Forças Argentinas de Liberação. Nos interessa, a esse respeito, reconstruir e analisar as relações estabelecidas por Malamud e Aguirre entre a leitura de Althusser e a formulação de uma estratégia de luta armada para a Argentina, assim como as discussões geradas por essa articulação, tanto no processo de descomposição do PC como na formação das FAL.

Para isso se estruturou o trabalho em três partes. Na primeira se reconstrói o papel do grupo de Malamud e Aguirre na crise do PC e na transição ao PC-CNRR para PCR, além da sua vinculação com a obra de Althusser. Na segunda se analisa as articulações entre althusserianismo e a luta armada levada a cabo por Malamud e Aguirre no documento *“Ciencia y violencia”*, publicado em 1969 no N° 2 de *Teoría y Política* com os pseudônimos Camilo e Gervasio Zárate. Na terceira, se reconstrói as críticas ao althusserianismo de Malamud e Aguirre realizadas pelo PCR nas declarações dos primeiros congressos partidários, em artigos publicados em *Teoría y Política* e o itinerário do althusserianismo, no interior das FAL, tanto nas discussões prévias a sua formação como na trajetória posterior da organização.

Althusser entre o PC e o PCR

Desde o final da década de 1950 e até a metade da de 1960, os espaços partidários da esquerda argentina atravessaram um período de crise e de redução de frações importantes de seus militantes. Este processo sem precedentes esteve marcado, além de fenômenos puramente locais, como a releitura do peronismo, por acontecimentos que sacudiram o movimento comunista internacional, especialmente o processo de desestalinização, a ruptura sino-soviética e a Revolução cubana.

Em contraste com o ocorrido com o Partido Socialista, cujo processo de decomposição está rigorosamente documentado e analisado (Tortti, 2009), não existe um trabalho global sobre os processos de fragmentação e divisão no interior do PC¹. Para o que nos interessa reconstruir aqui, podemos mencionar que uma das fraturas mais importantes que sofreu o PC foi a originada a partir de 1963 pela “fração de Medicina” a qual aglutinava setores da Federação Juvenil Comunista e do Movimento Estudantil Nacional de Ação Popular. Esse agrupamento de militantes, fortemente críticos da política de coexistência pacífica propiciada pela URSS e influenciados em grande medida pelo processo revolucionário cubano, começaram a propiciar um programa baseado na crítica das práticas burocráticas do Comitê Central do PC, na oposição a política de oportunismo sindical, na oposição a participação de políticas negociadas com os partidos burgueses e na proposta de uma política independente da classe obreira (Rot, 2003/2004: 147).

Diante da intransigência do Comitê Central do PC, do Secretário Geral da FJC e a decisão de intervir nos órgãos partidários e expulsar as frações, uma grande quantidade de jovens militantes do PC se aglomeraram em torno do PC-CNRR. Em sua declaração constitutiva, o PC-CNRR anunciava uma vaga na direção revolucionária das massas, sinalava a necessidade de se inclinar para uma via armada para o acesso ao poder e ressaltava a importância da Revolução cubana (PCR, [1968] 2002^a). Apesar da coincidência nessas linhas gerais, durante o período que vai da mencionada declaração constitutiva ao 1º Congresso do PCR, se promove uma série de discussões teóricas e políticas entre os diferentes grupos saídos do PC que formaram o PC-CNRR.

A linha interna mais atacada nessas discussões foi a comandada por Aguirre, a qual ficou conhecida como zaratismo pelo já mencionado uso de pseudônimos por parte de Malamud e Aguirre. Aguirre era médico, tinha sido delegado no hospital Rawson e havia viajado como membro do partido à Cuba, Tchecoslováquia e URSS. Além de Aguirre, eram integrantes do grupo, sua esposa Marina Malamud, Sergio Schneider, Susana del Carmen Giacché e Isaías Sokolowicz, a maioria deles eram militantes provenientes da FJC. Ao longo do período de funcionamento do PC-CNRR, o zaratismo realiza uma captação de militantes e algumas ações militares e de acumulação financeira, enquanto suas ideias foram duramente criticadas durante o período de formação do PCR em *Teoría y Política* e em diversos materiais de circulação partidária. Finalmente, foram expulsos do PCR acusados de “fracionalistas” por um tribunal revolucionário.

¹Apesar da escassez de pesquisas, devemos mencionar os trabalhos de Cristina Tortti (1999) sobre o *malestar* no PC no começo da década de 1960 e o de Jorge Cernadas (2005) sobre *Cuadernos de Cultura*.

Uma vez fora do PCR, o zaratismo estabeleceu contatos com um grupo proveniente do MIR-Praxis, que vinha realizar um operativo em Campo de Mayo e estava tentando se vincular a outras agrupações que estivessem interessadas em iniciar ações armadas. Esse grupo está formado, entre outros, por Juan Carlos Cibelli, Alejandro Baldú, Sergio Bjellis e Carlos Malter Terrada. Após um período de discussão teórica e política, os dois grupos decidiram fundir-se. Em março de 1970 e após a detenção de Carlos Dellanave e Alejandro Baldú, o grupo de Aguirre e o de Cibelli ficaram publicamente conhecidos como FAL com o sequestro do cônsul paraguaio Waldemar Sánchez.

A leitura dos textos de Althusser por Malamud, em meados da década de 1960, parece haver constituído uma das primeiras instâncias de recepção do pensamento althusseriano na Argentina. Segundo o testemunho de Raúl Cerdeiras, Malamud assistia como aluno a um dos cursos apresentados por Raúl Sciarreta. Nas discussões geradas nesse âmbito, em relação ao hegelianismo, Malamud havia começado a incitar o docente com perguntas elaboradas a partir das teses althusserianas. Segundo Cerdeiras, tal foi o impacto althusseriano em Sciarreta que chegou a suspender seus cursos durante muito tempo para adentrar na obra de Althusser (Fornillo y Lezama, 2002: 161).

Posteriormente, Malamud começou a coordenar cursos de formação em teoria marxista, os quais assistiam os militantes que haviam rompido com o PC e tinham seu núcleo em torno do PC-CNRR, especialmente os que pertenciam ao grupo de Aguirre. As atividades de formação em teoria marxista era um elemento que integrava a experiência militar, assim como o trabalho de massas e as ações armadas. De maneira complementar ao curso havia começado o trabalho em conjunto de Malamud e Aguirre em prol da elaboração das teses que se consolidariam nos debates prévios ao 1º Congresso do PCR (Rot, 2003/2004: 149).

Após a expulsão do zaratismo do PCR e a partir do contato com o grupo de Cibelli, o althusserianismo constituiu um elemento fundamental nas discussões anteriores a constituição das FAL. Segundo o testemunho de Malter Terrada, logo depois de estabelecido o contato com o grupo de Aguirre, o grupo de Cibelli conduziu um estudo minucioso do “documento de los dos Zárates” e uma crítica do mesmo, nesse caso tal grupo era “radicalmente antialthusseriano”. Uma vez instalada a polêmica, Malamud assistia as reuniões para continuar as discussões teóricas. No entanto, segundo Malter Terrada, ambos grupos priorizam o acionar político sobre as discussões teóricas:

Quando apareceu essa discrepância o negro Tato trouxe seu mentor filosófico –que era o velho Malamud, seu sogro– que nos fez rir muito porque chegou com a atitude de professor que vem cantar a “justeza”. Nós tínhamos formação e uma bateria crítica de conceitos que fez com que a polêmica ficasse enterrada

depois de duas tentativas infrutíferas. Não havia possibilidades de compatibilizar fundamentos filosóficos com o acionar político (Rot, 2003/2004: 74-75)

Da bibliografia contida em “*Ciencia y violencia*” se retira que o althusserianismo de Malamud e de Aguirre estava estruturado a partir da leitura da tradução ao espanhol de *Pour Marx* realizada por Marta Harnecker e editada por Siglo XXI México em 1967, da compilação *La filosofía como arma de la revolución* editada por Pasado y Presente em 1968 e da edição francesa de *Le Lire Capital*.

Resulta interessante destacar esta última leitura, uma vez que Malamud e Aguirre utilizam em suas análises um livro fundamental de Althusser que nesse momento estava disponível somente em francês e que seria traduzido por Harnecker e editado por Siglo XXI México em 1969.²

Cabe mencionar que, uma vez transcorrida a década de 1970 e finalizada a experiência das FAL, Malamud continuou sua vinculação teórica com o althusserianismo e estabeleceu uma relação de amizade com Althusser. Segundo Fernanda Navarro, foi Malamud, com quem compartia o trabalho na Universidade Michoacana, quem propiciou, através de um pedido, o encontro entre ela e Althusser em Paris, do qual resultou uma série de entrevistas e posteriormente na edição das mesmas no volume *Filosofia y marxismo. Entrevistas por Fernanda Navarro*.³ O fato de Malamud pedir a Navarro que entregue uma carta sua a Althusser evidencia o intercâmbio epistolar entre ambos. Precisamente, uma das cartas enviadas por Althusser a Malamud, datada de 1984 e editada há uns anos, é hoje objeto de análise nos estudos centrados no “último Althusser” por conter, além de comentários sobre uma visita realizada por Malamud em Paris, uma avaliação retrospectiva sobre o período de auge do althusserianismo.

Althusserianismo e luta armada

a) Cientificidade do marxismo

Malamud e Aguirre enquadram sua intervenção no debate mais geral sobre a relação entre a doutrina de Marx e a luta armada. Nesse sentido, apresentam um cenário no qual diferentes organizações políticas coincidem em fundamentar sua posição na doutrina científica de Marx enquanto extraem dela formulações

² Para uma reconstrução das edições latinoamericanas dos textos de Althusser e o papel de Harnecker como tradutora de sua obra, ver Starcenbaum (2009).

³ Navarro da conta do papel de Malamud em sua relação com Althusser na dedicatória do livro: “a Mauricio Malamud, responsável do Encontro ‘epicúrio e aleatório’, com a pessoa, vida e obra de Louis Althusser” (Althusser, 1988: 9). Também se pode ver referências do mencionado papel de Malamud em Navarro (2007: 5).

políticas divergentes. No seu caso, apesar de coincidir com outras organizações na reprovação da via pacífica e na necessidade de continuar o processo de luta armada inaugurado pela Revolução cubana, a forma de executar tal processo se mostra divergente das outras organizações. Assim, os diferentes elementos doutrinários e políticos presentes nas organizações marxistas, são divididos em uma zona de acordo aparente, na qual são situados a doutrina marxista e o objetivo de uma América Latina socialista e em uma zona de desacordo visível, na qual se encontra as formas de luta armada.

A fim de determinar se o desacordo se produz somente a nível tático ou se também implica um antagonismo em relação ao objetivo estratégico, Malamud e Aguirre consideram que cada organização deve explicitar os princípios teóricos dos que partem para que fique em evidência em que consiste a teoria e o método marxista que invocam para discernir se efetivamente todos partem de uma base comum. A seu entender, o debate acerca das formas de luta deve ser remitido ao seu conteúdo. Assim, se ressalta que o marxismo é uma ciência e que a prática é gerada e fica subordinada a uma teoria, a qual não deve se fundamentar na prática espontânea senão que deve ser científica. Desta forma, se chega a ênfase althusseriana na definição do marxismo com Materialismo Histórico e Materialismo Dialético, os quais são concebidos respectivamente como teoria dos modos de produção em tanto formações sociais como um complexo de relações entre instância articulada e como teoria dos modos de produção racionais em tanto processo de elaboração de conceitos que permitem produzir o efeito de conhecimento.

O marxismo possibilita a análise e a ação organizada com finalidades transformadoras porque Marx fundou uma teoria e um método que permitem elaborar objetivos e estratégias científicos, e não utópicos, para a revolução. Malamud e Aguirre propõem a guia do “fio condutor de Marx” para não se perder no labirinto do marxismo, no entanto consideram que antes do encontro com Marx deve se decifrar qual é o método marxista. Este deciframento deriva da discussão sobre o jovem Marx e o Marx maduro, sobre qual os autores afirmam a tese althusseriana da existência de uma revolução teórica, através da qual Marx ajusta contas com sua velha consciência e denuncia a filosofia clássica como forma ideológica de dar conta do real. Assim é o Marx maduro e sua concepção da crítica em *O capital* o que permitiria evitar cair tanto em um praticismo oportunista quanto em um teoricismo esquerdizante.

b) Recuperação da teoria

A ruptura com a política oportunista do PC e o compromisso com a recuperação revolucionária implicado na constituição do PC-CNRR só podem resultar

em uma recuperação real da organização revolucionária se são acompanhados por uma recuperação efetiva da Teoria. O Materialismo Histórico deve ser apropriado pelo militante revolucionário e deve ser concebido como um elemento científico inseparável do Materialismo Dialético. Malamud e Aguirre incitam a remediar a situação de déficit teórico que arrastam as organizações revolucionárias e que há levado muitas delas a adotar artifícios armados voluntaristas e dogmáticos que discordavam da realidade a qual se pretendia aplicar. Sem uma recuperação da teoria, persiste o perigo de aplicar modelos universais em situações locais, as quais possuem características singulares e intrasferíveis.⁴

Nesta recuperação, cumpre um papel importante o conceito de formação social tal como é desenvolvido na obra de Althusser. Segundo Malamud e Aguirre, a teoria de guerra revolucionária se deve elaborar a partir de articulação entre, por um lado, as táticas e estratégias desenvolvidas pelos teóricos da guerra, como Clausewitz, Marx, Lenin, Mao, Giap, Castro e Guevara, e por outro, a investigação das peculiaridades da formação social argentina, entre as quais havia que discernir sua singularidade concreta em relação ao econômico, o político e o ideológico. Com respeito ao conceito de formação social, se reforça que cada instância de sua estrutura se relaciona com as demais instâncias e que o nível ideológico não está determinado exclusivamente pelo nível econômico, do qual daria conta a situação pela qual atravessa o movimento comunista internacional no qual convergem relações de produção socialista e atraso teórico e o que evidenciaria que Marx inaugura uma nova forma de conceber a dialética.

Malamud e Aguirre creem necessário explicitar as exigências metodológicas para produzir conhecimento a partir da relação entre conceitos teóricos e realidades concretas, o qual é desenvolvido a partir do conceito althusseriano de prática teórica. A conjunção dos conceitos teóricos e as investigações de realidades concretas deve se realizar tendo em conta que o Materialismo Histórico é a Teoria Geral dos modos de produção, que esta permite a elaboração de Teorias Particulares para cada modo de produção, que cada formação social que responde a um mesmo modo de produção requer uma Teoria Singular e que a formação social concreta necessita Teorias Regionais de cada uma de suas instâncias. Assim, os conceitos teóricos não produzem realidades concretas, mas apenas seu conhecimento assegura a elaboração de um conhecimento concreto de uma formação social determinada.

⁴ Nesse sentido, se afirma que a teoria do foco desenvolvida por Régis Debray cai em uma universalidade abstrata.

c) Luta militar e luta ideológica

Malamud e Aguirre remitem as discussões sobre as determinações das formas da luta armada com a relação Clausewitz-Lenin e submetem ao mesmo protocolo de leitura que Althusser aplica a relação Hegel-Marx: entre Clausewitz e Lenin não há uma continuidade na história da Teoria da Guerra, senão que o aporte leninista implica uma transformação total das teses clausewitzianas. O que Clausewitz não podia “ver” e Lenin sim pôde através de dita transformação, é que a guerra é luta revolucionária com um objetivo político, que é este objetivo que determina uma estratégia, que a sua vez define manobras e táticas e que a guerra transcende o aspecto estritamente militar, razão pela qual deve incorporar necessariamente a luta ideológica.

A luta ideológica que acompanha os aspectos militares da guerra revolucionária, implica ao mesmo tempo uma luta pelo debilitamento interno do inimigo, na qual se neutralizaria e conquistaria sua retaguarda para poder preparar a toma do poder e uma luta pela transformação de consciência da classe com a qual se lutará e das massas nas quais se apoiará o combate. A necessidade da luta ideológica implica que se deve proceder um duplo desarme do inimigo: um desarme material, através do qual se expropriam as armas para a guerra e um desarme ideológico, com o qual se persegue o objetivo de neutralizar setores hostis e ganhar combatentes das classes dominadas.

Segundo Malamud e Aguirre, a única forma de assegurar que a guerra tenha um sentido revolucionário é que a luta se leve a cabo tanto com armamento bélico como com armamento teórico. Somente a confluência do aspecto militar e o aspecto ideológico permite superar a etapa de luta “rebelde” e iniciar uma etapa de luta revolucionária. Desta forma, a ciência marxista assegura que na relação homem-arma, o elemento dominante em última instância seja o homem e não a arma e que o internacionalismo proletário seja entendido como uma política revolucionária derivada da doutrina marxista e não como uma virtude moral ou um ato benéfico.

d) Luta armada na Argentina

Em base aos desenvolvimentos anteriores e levando em conta as formulações guevaristas e o surgimento de partidos de recuperação revolucionária, Malamud e Aguirre elaboram suas teses sobre a tática e a estratégia da luta armada argentina. Nelas a referência fundamental é Guevara, no qual reconhecem o mérito de elaborar sua estratégia a partir da situação mundial tal como existe e não a partir de uma situação ideal. Desta forma, a opção guevarista de propôr a criação de centros de luta coordenados antes de tentar modificar a desviação chinesa e russa implica uma contribuição ao traslado dos termos de discussão no campo

socialista mundial desde a problemática paz-guerra à definição da promoção da luta armada. No entanto, se propõe alguns reparos nas teses guevaristas, uma vez que se considera que os cenários de luta não devem se reduzir necessariamente aos países asiáticos, africanos e latinoamericanos, senão que a luta também pode se dar em países capitalistas desenvolvidos, a partir da recuperação dos Partidos Comunistas de tais países e o surgimentos de partidos que substituam os existentes.

Malamud e Aguirre sustentam que, para o caso argentino, se impõe uma forma de luta armada com hegemonia da classe obreira, entendendo a esta como classe ideologicamente dirigente e como classe predominantemente operativa. A estratégia de luta armada na Argentina deve se adaptar as características demográfico-sociais específicas do país, especialmente a existência de zonas urbanas com grande concentração obrera no centro do país e de zonas de camponeses pobres e obreros rurais localizados perto do limites com os países limítrofes, o qual resulta que a forma predominante de luta deve ser urbana. Mesmo assim, a estratégia da luta armada no país deve considerar fatores que não estiveram presentes em outras insurreições, como a existência de um campo socialista com contradições, a inexistência de um desgaste do Estado por lutas exteriores e a aprendizagem do Estado capitalista no conhecimento da luta repressiva em suas vertentes policial, militar e paramilitar.

A formulação das teses sobre a luta armada na Argentina se concretam mediante o dialogo constante com as teses que apresentam estratégias divergentes para a luta. Assim, Malamud e Aguirre consideram que a concepção cubana do foco deve ser concebida como uma estratégia de capacitação das massas antes da luta e não como êxito de um grupo de aventureiros e que no caso argentino a força inicial do foco deveria ser numericamente maior que em Cuba e contar com uma importante porção do campesinato organizado como base de ação. No caso das teses da guerra prolongada inspirado nos casos chinês e vietnamita, mostram que seu modelo costuma ser importado sem realizar uma análise marxista da situação histórica concreta e que no caso argentino a dificuldade de sua prática radica em que está pensada para uma base social operativa predominantemente campesina. Finalmente, afirmam discordar com a estratégia terrorista uma vez que essa não produz um debilitamento do inimigo e impede a participação popular na luta.

Althusser entre o PCR e as FAL

O 1º Congresso do PCR, realizado em dezembro de 1969 em Córdoba, estabeleceu um programa de revolução popular, agrária, antiimperialista e antimonopolista com hegemonia proletária e estratégia insurrecional, concebia

como a principal tarefa política para desenvolver a consolidação de uma Frente de Liberação Social e Nacional de setores potencialmente revolucionários hegemônicos pela classe operária. Para isso, ressaltava a necessidade de que o PCR evitasse se transformar em um partido seletivo distante das massas, e ao contrário, se convertesse em um partido de classe, com iniciativa e criação política, clandestino e centralista democrático.

Entre os documentos aprovados pelo 1º Congresso do PCR, se encontra um balanço da história do Partido desde a ruptura com o PC e a construção do PC-CNRR até a consolidação do PCR em seu primeiro congresso partidário, o qual pretende extrair ensinamentos para o futuro da vida interna partidária e dos processos fracionais que deveria afrontar o Partido durante o processo de sua constituição. Entre as linhas internas partidárias que deveriam ser combatidas, o balanço mostra o zaratismo, do qual se afirma que foi favorecido pelo espontaneísmo do Comitê Central do PC-CNRR, no qual esperava uma explosão similar a do Maio francês no lugar de promover uma linha insurrecional e propugnava um braço militar do partido em vez de porpôr a construção de uma organização revolucionária. Segundo o balanço, foram esses erros que permitiram ao zaratismo distribuir seus quadros em diferentes zonas do país e realizar *un trabajo de fuma* até poder formular suas teses, sobre as quais se considera que confundem o partido marxista-leninista com o exército revolucionário e que expressa uma posição pequeno-burguesa ao impulsionar uma frente policlasista como apoio das formações guerrilheiras urbanas (PCR, [1969] 2002a).

Nas resoluções aprovadas pelo 3º Congresso do PCR, realizado em março de 1974, se estabeleceu um programa de revolução democrático-popular, agrária, antiimperialista e antimonopolista e se fez um chamado a criação de uma Frente Popular de Liberação. Nesta marco, se mostra a necessidade de criar organizações militares de massas, como milícias obreiras, milícias populares e ligas de camponeses armados, as quais complementaram a insurreição urbana desenvolvida através do combate armado do proletariado. A aparição das milícias só deve se produzir quando se alcançou uma situação revolucionária, na qual as contradições se desenvolveram de tal forma que somente é possível resolver-las através da luta armada (PCR [1974] 2002c).

A modo de justificação de tal programa, no balanço da atividade do PCR entre o 2º e o 3º Congresso se realiza um repasso das lutas internas que se produziram no Partido e da discussão teórica que se realizou para combater o revisionismo e defender o marxismo-leninismo-maoísmo. Alí se menciona ao althusserianismo como a principal influência teórica que deveria ser combatida e a define como uma teoria revisionista que impugna a teoria do reflexo ao separar o processo de conhecimento da prática social e que vulgariza a dialética marxista ao converter-

-la em uma dialética vazia. No mencionado combate, o zaratismo aparece como uma expressão ideológico-política do revolucionarismo pequeno-burguês que tentou transformar o Partido em uma organização guerrilheira urbana apta para praticar o terrorismo.

No artigo *“Actualidad de la Revolución Cultural Proletaria China”*, publicado no nº 9 de *Teoría y Política*, correspondente a 1972, Rosendo Irusta se propõe a realizar uma resenha histórica da Revolução Cultural Proletária Chinesa e explicitar a atualidade que tal fenômeno possui para os revolucionários em geral e especialmente para os comunistas revolucionários argentinos. Assim, a luta da RCPCH contra o revisionismo aparece como atual, uma vez que o PCR também fez frente em suas origens a linhas revisionista que expressavam posições pequeno-burguesas. Neste marco, Irusta faz referência a linhas que porpugnavam o seguidismo a burguesias e o terrorismo urbano, entre as quais menciona Zárate, o qual qualifica como um personagem *“ao que somente ‘as circunstâncias e condições’ o permitiram representar o papel de ‘teórico’”*, o caracteriza como, *“ilustrado defensor da escola ‘althusseriana’ no país”* e acusa de haver proposto *“‘impulsar a formação teórica e prática’ do PCR a partir das teorias de Althusser”* (Irusta, 1972: 17).

A partir da acusação a Zárate, Irusta realiza uma extensa crítica a Althusser, a qual justifica pelo fato de que, além de Zárate, o althusserianismo continuou sendo a guia teórica de muitos militares e o suporte de tendências doutrinárias e militaristas no interior do partido. A principal crítica a Althusser aponta a sua repulsão da prática social como critério de verdade de conhecimento e a redução de toda a concepção do mundo a ideologia, em tanto tais concepções bloqueiam a compreensão dos diferentes momentos da percepção do processo de conhecimentos e a relação com a instância racional de tal processo. A crítica ao marxismo de Althusser é complementada com a demonstração de sua adesão a moda estruturalista, o qual o faz cair em concepções especulativas e a militância no Partido Comunista Francês, o qual situa irremediavelmente no campo reformista. Assim, Althusser se converte em um *mestre por exemplo negativo*, ou seja, a guia teórica que não se deveria seguir se o que se pretende é romper definitivamente com o revisionismo.

Lucas Figari, no seu artigo *“Problemas actuales de la lucha ideológica”*, publicado no nº 10 de *Teoría y Política*, correspondente a 1973, tem como objetivo analisar os problemas relativos a luta ideológica e explicar as responsabilidades que cabem ao PCR no marco do processo aberto pelo Cordobazo e no contexto do triunfo do FREJULI. Para isso, mostra a necessidade de adotar uma ideologia proletária firme, de definir as bases teóricas da ideologia proletária na Argentina de 1973 e estabelecer as tarefas a desenvolver no campo cultural para a disputa com os meios ideológicos de penetração do imperialismo. Estas necessidades

aparecem como urgentes no horizonte do partido uma vez que o abandono da luta ideológica por parte do PCR tem propiciado a intorção em seu interior de ideologias não proletárias.

Entre os assaltos ao partido de ideologias não proletárias é mencionado o do althusserianismo, doutrina que sintetizava “*a improvisação, a ligeireza e inconsistências pequeno-burguesas com teorizações positivas*” (Figari, 1973: 7). Figari historiza a difusão do althusserianismo no PCR e interpreta sua aparição como uma corrente marxista que prometia resguardo e segurança frente al terreno movedição de ideias que caracterizou os inícios do partido, entre os quais se encontravam o existencialismo (Herbert Marcuse), o reformismo socialdemocráta (Paul Baran e Paul Sweezy), concepções impulsivas (Rosa Luxemburgo), o trotskismo e o reformismo burguês populista.

O conceito de prática teórica permitia aos intelectuais pequeno-burgueses manter-se a margem da luta cotidiana e de sobredeterminação ajudava a aplacar a impaciência pequeno-burguesa ante a lenta aprendizagem das massas. É esta dupla dimensão do althusserianismo que tem gerado em linhas pequenos-burguesas do partido as tendências divergentes de “*se vai a uma torre de marfim ‘marxista’ ou se vai ao terrorismo urbano ou ao foco rural que dão o pontapé inicial às massas.*” (Figari, 1973: 12).⁵

Como vimos anteriormente, o althusserianismo foi um dos aspectos mais debatidos na etapa de discussão teórica prévia a construção das FAL. O já mencionado antialthusserianismo radical do grupo de Cibelli parece estar condicionado em grande medida pela difusão no seio de tal grupo de manuais marxistas ortodoxos e de obras de psicologia soviética. Assim, a *bateria crítica de conceitos* invocada por Malter Terrada ao se referir a polêmica entablada pelo grupo contra o althusserianismo, corresponderia a recepção de *Princípios elementais de filosofia* de Georges Politzer, de *Economía política* de Peter Nikitin e especialmente da obra de Sergei Rubinstein, sobre quem Bjellis organizou em 1969 um grupo de estudos para discutir sua teoria.⁶

⁵ No nº 36 da revista *Los libros*, correspondente a Julho-Agosto de 1974, foi publicada uma resenha do livro de Althusser *Para uma crítica da prática teórica. Resposta a John Lewis*, na qual se criticava ao althusserianismo em uns termos muito similares aos de Figari. O autor da resenha é Carlos Altamirano, o então militante do PCR.

⁶ Além do lugar preponderante de Rubinstein, a leitura do manual de Politzer é indicativo de um marxismo potencialmente reativo ao althusserianismo. Segundo Tarcus (1999: 493), o livro de Politzer foi substituído como manual de formação de militantes nos finais da década de 1960 por *Los conceptos elementales del materialismo histórico*, o manual de teoria marxista escrito por Harnecker a instâncias do mesmo Althusser. No campo psicoanalítico argentino, a hegemonia da psicologia concreta politzeriana começa a ser desafiada precisamente pela difusão de Lacan, preanunciada pela releitura de Freud propiciada por Althusser.

Também parece haver tido um papel importante na discussão certa tradição antiintelectualista do grupo de Cibelli, originada na ruptura com o MIR-Praxis no começo da década de 1960. Diante do aumento da conflitividade durante o frondicismo e a consolidação do proceso revolucionário cubano, o grupo de Cibelli havia começado a criticar a ênfase na formação teórica propiciada por Silvio Frondizi e a defender um ingresso na luta política concreta. Esta distanciamento das concepções do MIR-Praxis foi o que derivou posteriormente a transformação da célula em uma organização, em experiências de treinamento militar e nas primeiras ações armadas, das quais a mais importante constituiu no assalto ao Instituto Geográfico Militar em 1962 (Rot, 2003/2004; Hendler, 2010)⁷.

Tanto os testemunhos dos ex militantes das FAL como as investigações que tem como objetivo de estudo a organização, enfatizam o fato de que ao não poder ser dirimida a discussão entre o grupo de Aguirre e o de Cibelli na esfera do teórico, ambos grupos avanzaram para a fusão priorizando a unidade de ação e relegando a um segundo plano as diferenças teóricas. Além da afirmação já mencionada da *impossibilidade de compatibilizar fundamentos filosóficos com o acionar político*, Malter Terrada assegura que ao ter contato com o artigo de Malamud e Aguirre, percebeu que “*não havia nenhuma diferença substancial em termos de proposta, ainda que havia que aturar o texto, porque inclusive tinha fundamentações filosóficas*” (Rot, 2008: 74). Rot (2003/2004: 149) mostra que a fusão foi precipitada pela detenção de Dellanave e Baldú no marco da preparação do “Operativo Carola”, através do qual ambos grupos pretendiam assaltar em forma conjunta um trem pagador em Luján. Hendler (2010, 122-123) afirma que apesar dos grupos coincidirem que a partir do Cordobazo começava a se insinuar uma estratégia que combinava a criação de uma vanguarda armada e a politização e organização das massas, a fusão foi favorecida pela possibilidade de complementar a experiência de ações armadas e o caudal de armas subtraídas do IGM por parte do grupo de Cibelli com a experiência na esquerda partidária e a posse de casas seguras por parte do grupo de Aguirre.

A fusão dos grupos baixo a denominação FAL evidenciaria assim a materialização por parte da organização da chamada “*teoria dos afluentes*”. Esta teoria postula a unificação de um comando único revolucionário que centralizaria o acionar de diferentes grupos que compartiam propostas similares e que estavam dispostos a lutar simultaneamente com objetivos revolucionários. Assim, a confluência em um âmbito de referência mais amplo permitiria às diversas vertentes coordenar ações, mas funcionar como colunas com autonomia operativa, o qual

⁷ Sobre o marxismo de Silvio Frondizi, ver Tarcus (1996).

possibilitava que cada uma delas preservasse sua identidade.

Neste marco, o itinerário do althusserianismo nas FAL a partir da fusão do grupo Aguirre com o grupo Cibelli parece estar submetido a um duplo condicionamento. Em primeiro lugar, seguindo a *“teoria dos afluentes”* as articulações desenvolvidas pelo grupo de Aguirre entre as teses althusserianas e os aspectos centrais da luta armada haviam sido silenciadas em prol da unidade de ação com o grupo de Cibelli e posteriormente com a Brigada Masetti. Em segundo lugar, o althusserianismo havia ficado ainda mais relegado quando o projeto político comum do afluentes começou a topar-se com a impotência e uma militância clandestina não arraigada nas massas e encurralada pela repressão do Onganiato. Daí que os documentos das FAL carecem de desenvolvimentos teóricos e refletem em amplas consignas e compartilhadas por um grande espectro da esquerda os elementos políticos consensuais entre os diversos afluentes da organização.

Existem, no entanto, uma série de indícios que dão conta da sobrevivência do althusserianismo nas FAL no período posterior a fusão entre o grupo de Cibelli e o grupo de Aguirre. Em primeiro lugar, nos testemunhos dos ex militantes da organização, há evidência de que Althusser seguia sendo referência teórica na organização, tanto na formação teórica dos militantes como na produção de resumos didáticos sobre sua obra por parte dos encarregados de dar os cursos (Hendler, 2010: 182). Neste caso, cabe perguntar se o funcionamento da organização de acordo com a *“teoria dos afluentes”* não haveria permitido ao zaratismo manter alguma forma de recepção e difusão do althusserianismo.

Em segundo lugar, na linha política consensual entre os afluentes da organização parece haver elementos provenientes das formulações originais das vertentes que confluíram na organização. Apesar de não existir nos documentos aspectos teóricos, relativos a luta armada, é evidente que a linha política consensual é, além dos silenciamentos e da dinâmica política, o resultado de um processo de elaboração teórica, tal como reflete a discussões prévias a fusão entre os dois grupos. Neste caso, caberia perguntar se os aspectos centrais do projeto de organização não estão elaborados em base as propostas originárias de Malamud e Aguirre. Assim seria lícito se perguntar, por exemplo, se a combinação entre um desgaste indireto e um desgaste direto da burguesia propiciada pelas FAL não é uma projeção da proposta do zaratismo de combinar a luta militar e a luta ideológica.

Conclusão

O processo de recepção de Althusser na Argentina se encuadra na crise do PC derivada das críticas a política de coexistência pacífica propiciada pela URSS e da influência continental da Revolução cubana. Nesse marco político e

intelectual, Malamud e Aguirre atribuem a determinadas teses althusserianas a possibilidade de legitimizar cientificamente a postulação de uma estratégia de luta armada para a Argentina. Assim, em outras articulações, a consciência de uma revolução teórica em Marx permitiria a elaboração de uma política distante tanto do oportunismo como do teoricismo, o conceito de formação social habilitaria a atualização da teoria de guerra para a especificidade da situação argentina e a prática teórica asseguraria uma correta conjunção entre conceitos teóricos e realidades concretas.

O althusserianismo de Malamud e Aguirre foi objeto de críticas tanto dos espaços partidários de esquerda como das incipientes organizações armadas. No caso do PCR, a expulsão do zaratismo leva a que o althusserianismo seja concebido como uma ideologia não proletária a qual se atribui o intento elitista e pequeno-burguês de converter o Partido em um exército revolucionário. No caso das FAL, a fusão com o grupo de Cibelli deu lugar a uma crítica a Althusser desde posições marxistas humanistas e a uma subordinação dos aspectos teóricos da luta política cotidiana a partir das quais o althusserianismo parece haver sido confinado a um itinerário mais solapado que o de finais da década de 1960.

Bibliografia

- ALTHUSSER, Louis (1965a). *Pour Marx*. Paris: François Maspero.
- _____ (1965b). *Lire Le Capital*. Paris: François Maspero.
- _____ (1968). *La filosofía como arma de la revolución*. Córdoba: Cuadernos de Pasado y Presente.
- _____ (1988). *Filosofía y marxismo*. Entrevista por Fernanda Navarro. México D.F.: Siglo XXI.
- _____ (2006). *Philosophy of the encounter*. Later writings, 1978-1987. Londres: Verso.
- CELENTANO, Adrián (2007). El althusserianismo en la filosofía y la política de la nueva izquierda. XIV° Congreso de la Asociación Filosófica Argentina. San Miguel de Tucumán.
- CERNADAS, Jorge (2005). La ‘vieja izquierda’ en la encrucijada: *Cuadernos de Cultura* y la política cultural del Partido Comunista Argentino (1955-1963). X° Jornadas Interescuelas/Departamentos de Historia. Rosario.

- FIGARI, Lucas [José Ratzer] (1973). Problemas actuales de la lucha ideológica. *Teoría y política. Publicación del Comité Central del Partido Comunista Revolucionario*, n. 10.
- FORNILLO, Bruno y LEZAMA, Alejandro (2002). *Releer Althusser*. Buenos Aires: Parusía.
- FUERZAS ARGENTINAS DE LIBERACION (s/f). Documento 1.
- FUERZAS ARGENTINAS DE LIBERACION (1971). El marxismo en la cartuchera. *Cristianismo y revolución*, n. 28.
- IRUSTA, Rosendo [Otto Vargas] (1972). Actualidad de la Revolución Cultural Proletaria China. Teoría y política. *Publicación del Comité Central del Partido Comunista Revolucionario*, n. 9.
- HENDLER, Ariel (2010). *La guerrilla invisible*. Historia de las Fuerzas Argentinas de Liberación (FAL). Buenos Aires: Vergara.
- NAVARRO, Fernanda (2007). La actualidad de las últimas reflexiones sobre la política de Louis Althusser. *Youkali. Revista crítica de las artes y el pensamiento*, n. 3.
- PARTIDO COMUNISTA REVOLUCIONARIO (2002a). *Documentos aprobados desde la ruptura con el PC revisionista hasta el 1° Congreso del PCR*. Buenos Aires.
- PARTIDO COMUNISTA REVOLUCIONARIO (2002b). *Documentos aprobados por el PCR a partir de su 1° Congreso, diciembre de 1969, hasta su 2° Congreso, abril de 1972*. Buenos Aires.
- PARTIDO COMUNISTA REVOLUCIONARIO (2002c). *Documentos aprobados por el PCR a partir de su 2° Congreso, abril de 1972, hasta su 3° Congreso, marzo de 1974*. Buenos Aires.
- POPOVITCH, Anna (2009). *In the shadow of Althusser: Culture and politics in late-twentieth century Argentina*. Ann Arbor: UMI Dissertation Publishing.
- ROT, Gabriel (2003/2004). Notas para una historia de la lucha armada en la Argentina. Las Fuerzas Argentinas de Liberación. *Políticas de la Memoria*, n. 4.
- _____ (2008). Entrevista a Carlos Malter Terrada. *Lucha armada en la Argentina*, n. 10.
- STARCENBAUM, Marcelo (2009). Marta Harnecker, discípula chilena de Althusser. *V° Jornadas de Historia de las Izquierdas: ¿Las ideas fuera de lugar? El problema de la recepción y la circulación de ideas en América Latina*. Buenos Aires.
- _____ (2011). El marxismo incómodo: Althusser en la experiencia de Pasado y Presente (1965-1983). *Izquierdas*, n. 11.

- _____ (2013). Derivas argentinas de Althusser: marxismo, comunismo, estructuralismo. *El laberinto de arena*, n. 1.
- TARCUS, Horacio (1996). *El marxismo olvidado en la Argentina: Silvio Frondizi y Milcíades Peña*. Buenos Aires, El Cielo por Asalto.
- _____ (1999). El corpus marxista. In: CELLA, Susana (dir.). *La irrupción de la crítica*. Historia crítica de la literatura argentina. Volumen 10. Buenos Aires: Emecé.
- TORTTI, Cristina (1999). Izquierda y ‘nueva izquierda’ en la Argentina. El caso del Partido Comunista. *Cuadernos del CISH*, n. 6.
- _____ (2009). *El “viejo” Partido Socialista y los orígenes de la “nueva izquierda”*. Buenos Aires: Prometeo.
- ZARATE, Camilo y ZARATE, Gervasio [Mauricio Malamud y Luis María Aguirre] (1969). Ciencia y violencia. *Teoría y política*, n. 2.